



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DAS RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E HISTÓRIA EM WILHELM REICH

Tiago Baltazar

RESUMO

A Teoria do orgasmo e a Análise reichiana do caráter são norteadas por uma concepção naturalista da libido, em sua fundamentação fisiológica e em suas funções vegetativas. Paralelamente, Reich desenvolve uma crítica social de orientação explicitamente marxista, em que pretende articular suas descobertas teórico-clínicas ao materialismo histórico de Marx e Engels. Como podemos compreender a coexistência de aspectos tão díspares no pensamento de Reich? Para responder a essa pergunta, vamos estudar a análise do sociólogo Helmut Dahmer, acerca de uma “antropologia naturalista” que poderia comprometer a tentativa de Reich de aplicar o materialismo histórico aos problemas psicosssexuais. Ao final, faremos alguns questionamentos no intuito de resgatar a riqueza teórica do pensamento social reichiano.

Palavras-chave: Reich. Natureza. Teoria. Materialismo histórico. Marx.

INTRODUÇÃO

A Teoria do Orgasmo de Reich foi estabelecida na esteira de uma reinterpretação da teoria freudiana da libido, segundo exigências científico-naturais expressas, e que podem ser compreendidas como parte de um projeto de fundamentação, em termos fisiológicos puros, do conceito freudiano de libido. No período subsequente, observamos que Reich desenvolve sua Técnica de Análise do Caráter no sentido de uma desfeitura da história contida nas couraças, orientada pela irrupção de uma energia natural que simboliza o fim da história, isto é, o fim da terapia (restabelecimento da potência orgástica). Paralelamente, Reich está desenvolvendo uma crítica social das involuções naturalizantes da psicanálise, articulando o pensamento de Freud ao materialismo histórico de Marx e Engels. Como podemos compreender a coexistência de aspectos tão díspares no pensamento de Reich, por um lado, a concepção de uma regulação biológica natural e, por outro, sua orientação sociológica explicitamente marxista?

Para responder a essa pergunta, propomos considerar a análise do sociólogo marxista alemão Helmut Dahmer, feita no artigo *Wilhelm Reich, Freud e Marx*.¹ A sua tese afirma

¹ In: DAHMER, H; FRAPPIER, P; BROHM, J. **Reich perante Marx e Freud**. Lisboa (Portugal): Antídoto, 1978.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

categoricamente que os resquícios de uma “antropologia naturalista”, presente no pensamento de Reich, produziram uma “defasagem teórica” na leitura que este faz do materialismo histórico de Marx e Engels.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Dahmer (1978), a *Análise do caráter* de Reich tem por objetivo uma racionalização da técnica psicanalítica. Tratou-se de uma objetivação da couraça e do sistema de defesas, para que então sua destruição sistemática levasse ao restabelecimento da potência orgástica, da saúde do organismo. Com a descoberta do reflexo orgástico e outros desenvolvimentos posteriores que levam à vegetoterapia e à orgonoterapia, Reich ainda abandonará a dimensão psicológica da sua ação, o domínio da linguagem, da reflexão e da prática (DAHMER, 1978, p. 34), passando diretamente à destruição das defesas e à libertação das pulsões primárias, sem ter em conta as possibilidades de associação ou de memória e abstraindo da consciência dos pacientes. Agora a psicoterapia, entende Reich, tem por alvo a estrutura biopática; como psicologia nervosa e muscular, ela abordará o terreno das funções protoplasmáticas, pois o ser vivo funciona para lá de palavras, conceitos e ideias. O ser vivo não pensa, diz Reich, ele se exprime biologicamente. A psicoterapia vai dispor de meios físicos para abordar os equivalentes somáticos dos mecanismos psicológicos de defesa, a fim de desimpedir o fluxo da energia vegetativa.

Dahmer escolhe bem as passagens em que Reich expressa o objetivo da psicoterapia nos termos de uma libertação da biologia, que ressurgir livre das perturbações que tinham se sobreposto a ela. Por exemplo: “o desvendar do núcleo do sistema biológico e o estabelecimento de uma economia energética equilibrada conduzem automaticamente ao desaparecimento dos sintomas, se é verdade que estes, do ponto de vista energético, resultam duma desorganização das trocas de energia no interior do sistema biológico”. Ou ainda: “a análise tem por primeiro objetivo, libertar os homens do que oprime e subjuga as suas pulsões” (REICH, “Análise do caráter”; *apud* DAHMER, 1978, p. 35). Em seguida, Dahmer apontará o caráter utópico, ideológico e burguês da teoria e da prática terapêutica reichianas. Este seria evidente no modo como Reich pensa esse acontecimento da “liberação” e a capacidade da biologia vital para, estando desimpedida, organizar e garantir, por si mesma e automaticamente, a vida prazerosa dos indivíduos e da coletividade:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Estas pulsões já não carecerão de qualquer outra elaboração por parte dos indivíduos, pois se encontram já ordenadas “correctamente” ao nível biológico (isto é, garantem o prazer e a auto-conservação) e estão em harmonia, tanto com a natureza humana, como com a natureza exterior (o oceano de orgões), ou ainda com a “democracia do trabalho” que será a sociedade do futuro (do futuro próximo) (DAHMER, 1978, p. 36).

Segundo uma tese de Reich sobre “a posição sociológica da psicanálise”, esta haveria surgido com o *declínio* da moral burguesa, explicitando suas contradições e oferecendo, pela primeira vez na história, uma abordagem verdadeiramente científica para o problema da repressão sexual. A psicanálise representaria, portanto, uma teoria revolucionária em prol da transformação do capitalismo². Por sua vez, Dahmer parte para uma consideração mais crítica a respeito do surgimento histórico da própria psicanálise. Ele analisa que, nos primeiros séculos de desenvolvimento do capitalismo, a reação ao declínio da pequena e média propriedade se caracterizou por movimentos de libertação burguesa, que garantiam autonomia aos proprietários recém-libertados dos favores senhoriais, e colocavam em suas mãos a sua própria existência individual. Provém desta etapa do desenvolvimento capitalista todas as noções que serviram para falar da “pessoa”, para nos compreendermos a nós próprios (autonomia, consciência, independência, espontaneidade, livre arbítrio, bem como os conceitos da psicologia do ego). Mais tarde, esse sistema de compreensão entrará em colapso diante das transformações da realidade material em que foi gerado.

Com o declínio da importância social da pequena e da média propriedade, estas auto-interpretações perderam a base real e continuam a viver como ideologias, como um “Kulturlag”, no “ideal do Ego” de burgueses que se tornaram incapazes de se manterem por si e se encontram pouco certos de que a sua prática econômica “solipsista” conduza automaticamente ao progresso social e à harmoniosa expansão da riqueza social. O desfazamento criado pela evolução social entre a prática da vida e a maneira de os homens se compreenderem a si próprios, entre a reivindicação de autonomia e a impotência de facto, fornece o quadro em que se desenvolvem as neuroses individuais, cujo denominador comum Nunberg, Fenichel e outros definiram como “fraqueza do Ego” (DAHMER, 1978, p. 45).

Dahmer conclui que, se a psicoterapia freudiana surgiu num contexto em que se observava uma disseminação das neuroses na civilização, ela nem por isso representaria o reconhecimento das contradições de uma moral sexual repressora³, como quer Reich, atacando os grilhões ideológicos do capitalismo. Originalmente, a psicanálise é um fenômeno

² Cf. REICH, *Materialismo dialéctico e psicanálise*, pp. 115 e segs.

³ Ver por ex., *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, de Freud, em que o jovem psicanalista busca relacionar suas descobertas ao problema da disseminação das neuroses em sua época.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

da libertação burguesa, e seus conceitos foram geridos juntamente com os ideais burgueses de liberdade.

A diferença entre essas duas formas de pensar a relação entre psicanálise e o declínio da moral burguesa justifica-se, segundo Dahmer, pelo fato de que as afirmações fundamentais de Reich acerca do homem como “um pedaço da natureza, sujeito à sua lei”⁴; do flagelo humano como uma perturbação das trocas de energia orgônica entre o organismo e o cosmos, periodicamente efetuada através do orgasmo; da instauração de um sistema econômico opressor como irrupção de uma moral sexualmente repressora; ou das couraças como “o nó de todas as funções humanas representando *desvios* em relação à lei natural do ser vivo...” – todas essas formas de Reich conceber a condição humana como consequência de uma perturbação da natureza “bloqueia o seu próprio acesso à história social e à práxis da transformação da sociedade”, pois, “para ele, o homem é, antes de mais, um animal harmonioso em si, capaz de auto-regulação” (DAHMER, 1978, p. 21).

Com a irrupção da moral sexual, durante o período de surgimento da sociedade de classes o homem degenerou e o seu funcionamento natural foi perturbado. A “cultura” é, desde sempre, o produto de uma “biopatia”, a história (da sociedade de classes) é a história de uma doença, a apostasia da natureza (DAHMER, 1978, p. 21).

“Qual é então, o objetivo da psicoterapia reichiana?”, pergunta-se Dahmer: é o restabelecimento do funcionamento natural do organismo humano, isto é, da potência orgástica, onde o homem aprende a deixar de ser regulado coercitivamente pelas couraças, para deixar-se regular pelo ritmo natural das pulsões biológicas. Este *regresso à natureza*, que é a grande “divisa de Reich”, segundo Dahmer, como ficção de uma natureza harmoniosa, é o que o distanciará tanto de Marx como de Freud. Pois, ainda que o grande tema político de Reich tenha sido a determinação das relações entre freudismo e marxismo, sua “idolatria da natureza conduziu-o a soluções ilusórias” (DAHMER, 1978, p. 19). Acrescenta ainda que Reich seria um descendente do “socialismo verdadeiro do século XIX”, cuja “natureza” não é mais do

⁴ “Tanto para o jovem Reich como para o Reich da última fase, tanto para o psicanalista como para o teórico do orgone, só há uma ciência, a da natureza, e o homem, o ‘animal humano’ como gosta de lhe chamar, é um pedaço de natureza, sujeito à sua lei (a fórmula do orgasmo, a fórmula da vida)” (DAHMER, 1978, pp. 20-1).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

que uma noção da ideologia burguesa, a mesma que Marx criticara juntamente com Feuerbach no *Manifesto do partido comunista*.⁵

Reich afirmava que se sentia apenas o instrumento de uma lógica implícita em tudo o que escreveu. Em *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*, Reich afirmava que seu trabalho era um “prolongamento directo” das concepções iniciais de Freud (REICH, 1977, p. 26). Importantes intérpretes de Reich, como o psicoterapeuta britânico David Boadella, reafirmam essa ideia de que o trabalho de Reich seria um “desenvolvimento perfeitamente lógico” das ideias psicanalíticas iniciais de Freud (BOADELLA, 1985, p. 17). Para Dahmer, entretanto, na “longa glosa” que as publicações de Reich formariam em torno de poucas teses fundamentais, “trata-se do desenvolvimento lógico duma antropologia naturalista, elaborada a partir da teoria freudiana das pulsões e finalizando numa doutrina da vida e da salvação, que tem consequências ontológicas e é imitada das ciências da natureza” (DAHMER, 1978, p. 14). Segundo o autor, *essa antropologia naturalista implicaria uma defasagem teórica de Reich em relação a Marx e Freud* (DAHMER, 1978, p. 19), o que ele demarcará a partir de uma distinção entre teoria crítica e teoria naturalista:

Marxismo e psicanálise são teorias essencialmente críticas⁶, o que se caracteriza por terem como ponto de partida a dimensão histórica e social, e também pelo fato de que suas teses não pretendem fixar-se como descrição das leis em que operam seus objetos. O Homem, o psiquismo, a sociedade ou a economia, segundo Marx e Freud, são, antes de qualquer outra coisa, teses para a transformação desses mesmos objetos.

Ambas as teorias críticas analisam o respectivo objeto como algo sujeito a leis naturais, psicológicas ou sociais (...) Mas nenhuma destas duas teorias pretende manipular seu objeto pelo conhecimento de tais leis. Tanto uma como a outra concebem tais leis, como leis que têm por base a *inconsciência* daqueles a quem elas dizem respeito. Esforçam-se por fazer penetrar a própria *teoria* na consciência dos objetos sujeitos, tanto da neurose como das mercadorias, quer através da destruição da ignorância, quer pela acção política. (A teoria é uma formação insuficiente mas provisoriamente aceitável, designando um modo de existência um pouco deficiente desse objeto, que tem por particularidade o poder tornar-se sujeito em certas condições propícias, transformando assim a situação inicial, a situação de inconsciência, a cuja existência está ligado o funcionamento das leis)” (DAHMER, 1978, p. 47).

⁵ “No conjunto dos ideólogos socialistas pequeno-burgueses criticados no ‘Manifesto do Partido Comunista’, encontra-se o grupo alemão dos ‘socialistas verdadeiros’, saídos da ‘nova religião’ de Feuerbach e do seu ‘culto ao homem abstracto’. O apelo à natureza e ao homem natural como norma é um ponto comum tanto aos ‘socialistas verdadeiros’ como de Feuerbach (*e também de Reich*). Marx desenvolve uma crítica à sua idolatria da natureza” (DAHMER, 1978, p. 17; *grifo nosso*).

⁶ “Incitamento a ‘sabotar o destino’, a teoria de Freud é, por isso, parente muito próximo da teoria crítica de Marx” (DAHMER, 1978, p. 15).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Noutras palavras: em Marx e Freud, a tese do funcionamento das leis do objeto – tornando-as conscientes como leis de funcionamento do sujeito – é já uma transformação do objeto que estava ligado a essas leis. Esse tipo de teoria é diferente da teoria naturalista, uma vez que esta última limitar-se-ia a fixar um conhecimento dessas leis, com vistas à manipulação do objeto que assim se tornou conhecido. Por sua vez, “na sua compreensão do materialismo histórico e da psicanálise, Reich reduz, tanto um como o outro a teorias naturalistas (...) e faz desaparecer a dimensão social e histórica, terreno único originário das teorias críticas de que Reich pretende partir” (DAHMER, 1978, p. 16). Nisso consistiria a defasagem teórica de Reich em relação às duas teorias críticas que pretendeu mobilizar em sua economia sexual; defasagem produzida pelo seu reducionismo biológico, pela sua exigência científico-naturalista, e pela sua crença no homem como bom selvagem. Portanto, a antropologia natural que atravessa o pensamento de Reich deve ser distinguida da *antropologia histórica* de Marx, onde não encontraremos jamais uma adequação do homem à natureza. Em Marx, pelo contrário, é uma *inadequação* entre o homem e a natureza que constitui o motor do processo de produção do homem por si próprio, isto é, “a história da formação da natureza humana” (DAHMER, 1978, p. 23). Nesta perspectiva de uma antropologia histórica, a relação sexual, como tudo o mais na vida dos homens, presta-se a um juízo global sobre o conjunto da etapa em que se encontra a formação do homem, e não remete jamais a um fundamento normativo que teria por base uma relação natural invariante (DAHMER, 1978, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva crítica de Helmut Dahmer que acabamos de analisar, a nossa pergunta – sobre a relação entre a concepção reichiana de natureza e sua crítica social de orientação marxista – seria respondida com a seguinte afirmação: aquilo que Reich desenvolveu após sua Teoria do orgasmo teria sido nada mais do que uma terapia ideologicamente libertária e, ainda, uma crítica social artificial onde veremos que a Natureza funciona como o limite de sua capacidade para ler, aplicar e pensar conforme ao materialismo histórico. O freudo-marxismo de Reich sofreria, portanto, de uma drástica limitação em sua capacidade para pensar histórica e socialmente.

No entanto, lançamos aqui algumas questões no intuito de fazer referência à riqueza teórica do freudo-marxismo em Reich:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

O “caráter autorregulado”, como um conceito elaborado na Análise reichiana do caráter, coloca em xeque a antítese entre sexualidade e cultura, uma vez que remete ao vínculo íntimo entre a estrutura psíquica neurótica, por um lado, e a ordem social repressora vigente, por outro. Assim, constata-se que os ensinamentos da *Análise do caráter* dialogam com a investigação social beneficiando-se dela, por exemplo, como quando Reich afirma, no prefácio à sua primeira edição de 1933, que “a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época” (REICH, 1995, p. 7). Inversamente, a investigação social também faz recurso às descobertas clínicas, como quando o estudo das funções da estrutura de caráter neurótica aponta-a como condição imprescindível para a manutenção do sistema ideológico repressor. Ou ainda, quando esta análise demonstra o caráter derivado da destrutividade humana, em função da repressão sexual, questionando teses freudianas como o instinto de morte, o masoquismo primário ou a angústia instintiva causadora da repressão. Portanto, perguntamos: teoria e clínica reichianas não estariam respaldando, no campo social, uma denúncia das implicações políticas reacionárias, dos efeitos legitimadores da repressão sexual, de todas essas teses que giram em torno da concepção de uma incompatibilidade entre sexualidade e cultura?

Pierre-Henri Castel, responsável pelo verbete “Psicanálise e Filosofia” no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, observa que Reich foi o primeiro a criticar o hitlerismo e o estalinismo *juntos*: um a título de delírio de uma “pureza assexual”, robotização da experiência e misticismo da vida; o outro, por não abolir a “moral sexual” tradicional, e assim reduzir o “novo homem” a um slogan vazio e ser incapaz de liberar a potência para o trabalho, reinstaurando o culto ao Pai e a infantilização das massas. “Assim, cada um abrigava *em si mesmo* a possibilidade de fascismo, e a subjetivação torna-se um conflito político, ligado ao modelo familiar mais ou menos autoritário que nos teria dominado” (CASTEL, *in*: KAUFMANN, 1996, p. 648). O que dizer desta originalidade de Reich no tratamento de um tema que será ainda explorado por outros grandes autores, por ex., Theodor Adorno, em *A personalidade autoritária*?

Jean-Marie Brohm (1978), importante teórico e entusiasta freudo-marxista, afirma, como um resultado inquestionável da articulação reichiana entre freudismo e marxismo, a descoberta das relações entre a estrutura material, ideológica e pulsional. Segundo ele,

O freudo-marxismo foi uma das primeiras correntes, senão a única, a compreender e a combater correctamente o fascismo, na altura que os estalinianos e os social-democratas se aliavam a ele ou favoreciam as suas



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

manobras reacionárias. A questão fulcral colocada pelo freudo-marxismo é esta: se é verdade que a sociedade se reduz a um complexo de relações sociais diferentes e contraditórias (luta de classes), não é menos verdade que esta luta de classes é assumida por indivíduos concretos, indivíduos de carne e osso, indivíduos que amam, desejam, têm angústias, têm medo da morte, etc. Em resumo, a sociedade capitalista é concretamente mediatizada pelo inconsciente e pelas pulsões individuais das pessoas. Por conseguinte, o que há que compreender é a inserção concreta dos indivíduos na sociedade, a sua socialização, ou, mais exatamente, a adequação contraditória entre a estrutura material (relações de produção), a estrutura ideológica (superestrutura) e a estrutura pulsional (organização psíquica). Como Reich mostrou, por exemplo, em *A psicologia de massas do fascismo*, a ideologia burguesa necessita de criar raízes estruturais na cabeça dos indivíduos e na sua biologia. É ao nível das tripas, ao nível da estrutura caracterial (Reich) ou do carácter social (Fromm), que se interioriza a ideologia burguesa. Como Freud, Reich, Fromm e Marcuse amplamente mostraram, a ideologia só se torna realmente força material (Marx) quando se transforma numa incrustação corporal. Duma forma mais geral, o aparelho pulsional dos indivíduos tem que ser moldado de tal forma 'que corresponda ao aparelho de Estado e ao aparelho de produção' (BROHM, 1978, pp. 100-1).

A tarefa que parece se impor, como o próximo passo no desenvolvimento da resposta à pergunta inicial que fizemos, é a de pensar este *saldo* da crítica social reichiana, ainda que esta pudesse estar “defasada” ou limitada, digamos, por uma concepção naturalista atravessando o seu pensamento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **The Authoritarian personality**. New York: Harper and Row, 1950.

BOADELLA, David. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo, SP: Summus, 1985.

DAHMER, Helmut; FRAPPIER, Paul; BROHM, Jean-Marie. **Reich perante Marx e Freud**. Lisboa (Portugal): Antídoto, 1978.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; NOGUEIRA, Marcos Aurélio. **Manifesto do partido comunista**. 13. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária. São Francisco, 2005.

REICH, Wilhelm. **Psicopatologia e sociologia da vida sexual (Die Funktion des Orgasmus)**. Tradução de M. S. P. Porto - Portugal: Publicações Escorpão, 1977. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, s/d.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BALTAZAR, Tiago. Algumas considerações sobre o problema das relações entre natureza e história em Wilhelm Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 177-185. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

_____. **Materialismo dialéctico e psicanálise**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. 4^o ed. Lisboa: Presença, 1983.

_____. **Análise do carácter**. Tradução de M. Lizette e Marina Manuela Pecegueiro. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

AUTOR e APRESENTADOR

Tiago Baltazar / Curitiba / PR / Brasil

Licenciado e Bacharel em Psicologia. Mestre e Doutorando em Ética e Política pelo departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Professor Substituto da Universidade Federal do Paraná, na disciplina “Filosofia para Ciências Humanas”.

E-mail: tiago_baltazar@yahoo.com.br